

VARIANTES LEXICAIS PARA GALINHA D'ANGOLA NO ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO AMAPÁ (ALAP)

LEXICAL VARIANTS OF GUINEA FOWL ON AMAPÁ'S GEOSOCIOLINGUISTIC ATLAS (ALAP)

Ludimilla Coelho dos Santos 1

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo verificar variações de natureza lexical registradas no Atlas Geossociolinguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), assim sendo, mais especificamente relacionado ao campo semântico fauna, intencionando avaliar denominações para o item lexical galinha-d'angola. Como objeto de análise foi examinada a pergunta 067 do questionário Semântico-lexical: como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas? Como pressuposto teórico pautamos em Aguilera (2009), Sanches (2015), Silva (2018) e Razky (et al, 2011). Dessa forma, as variantes para galinha da angola foram coletadas a partir do questionamento apresentado. Assim, com base nos dados investigados acerca do estudo lexical da região examinada, demonstrou que a variante mais recorrente foi picote, representando 70% do território investigado e também identificada como a variante mais recorrente na região Norte do país.

Palavras-chave: Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP). Dialectologia. Variação Lexical. Galinha D'angola.

Abstract: The following article analyzes lexical variants registered on Amapá's Geosociolinguistic Atlas (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), specifically about the semantic field fauna, evaluating the lexis guinea fowl. As object of analysis, question 067 from lexical semantic questionnaire was chosen, with the question being 'what's the name of a bird very similar to a hen, but has white-dotted black legs?' Texts from Aguilera (2009), Sanches (2015), Silva (2018) and Razky (et al, 2011) guide this article. Guinea fowl's lexical variants were collected from the answers of question 067. Based on the lexical data assembled from the examined region, the most used variant was picote, used in 70 % of the explored territory and also identified as the most used lexical variant in the northern region of the country.

Keywords: Amapá's Geosociolinguistic Atlas (ALAP). Dialectology. Lexical Variant. Guinea Fowl.

Introdução

Os estudos dialetológicos, especialmente os de natureza *geolingüística*, contribuem para registrar falares de diferentes localidades, evidenciando, sobretudo aspectos históricos e socioculturais que influenciam a língua. Assim sendo, a Dialetologia concerne, em investigar variações linguísticas de acordo com sua distribuição espacial. Nessa perspectiva, à *dialetologia* e o *léxico* caminha em direção a registrar, mapear variabilidades da língua em diferentes dimensões. Nesse contexto, Isquierdo (2007, p. 533), define léxico como “um aspecto diferenciador no que se refere à variação linguística, pois, além de evidenciar diferenças de uma região para outra, demonstra também a conseqüente mobilidade dessas diferenças de um espaço para outro”.

Este trabalho tem por objetivo investigar o campo semântico *fauna* no Atlas Geossociolingüístico do Amapá (ALAP), precisamente estudar as variantes lexicais para o item comumente conhecido como galinha-d’angola, por meio da pergunta “como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?”

O método de estudo utilizado no presente trabalho foi a pesquisa documental, no qual foi utilizada a carta semântico-lexical 67 do Atlas Geossociolingüístico do Amapá para subsidiar as demandas pesquisa. A pesquisa documental, como define Lakartos e Marconi (2003, p. 174), “[...] a fonte de coleta de dados está restritas a documentos, escritas ou não, constituindo o que se denomina fontes primárias”, sendo materiais que não passaram por um processo de análise. Além da pesquisa documental, apoiamos na pesquisa bibliográfica, pois toda pesquisa científica é respaldada em fontes teóricas, que endossam e norteia o trabalho, assim como, o pressuposto teórico utilizado foi: Aguilera (2009), Sanches (2015), Silva (2018) e Razky (et al, 2011) e para análise semântico-lexical baseamos no Houaiss (2009).

Dessa forma, o presente trabalho foi organizado em três seções. A primeira “Dialetologia”, que se encarrega de informar ao leitor sobre a conceituação e seus principais métodos de análise, na mesma seção, referente ao subtítulo, apresenta-se, “variação lexical”, incumbe em trazer uma abordagem teórica sobre a variação lexical, na seção seguinte, traz alguns aspectos norteadores acerca da produção do Atlas Lingüístico do Amapá, em seguida, encontra-se as análises do corpus da pesquisa, e por fim, as considerações finais do trabalho.

Dialetologia

A Dialetologia é a ciência que se aplica em investigar variações linguísticas de natureza geográfica, cronológica e social. Os estudos dialetológicos iniciaram por volta do séc. XIX e, inicialmente, as investigações centravam-se em estudos de natureza espacial, hoje tal método é denominado de Dialetologia Tradicional. Dubois (2006) define a Dialetologia como:

O termo *dialetologia*, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer limites [...]. (DUBOIS, 2006, p. 185).

A princípio, a Dialetologia surgiu a partir do interesse em examinar falares de um determinado espaço geográfico, assim sendo, foi desenvolvida num contexto, onde a locomoção humana era limitada geograficamente, bem como pela dificuldade de acesso aos meios de locomoção, o baixo avanço tecnológico, dificultando assim, interação a distância entre indivíduos. Com base nisso, os estudos dialetológicos demonstravam interesse por regiões rurais e interioranas, falantes não escolarizados, a fim de resgatar e registrar falares mais “puro” do idioma.

Vale mencionar, que os primeiros métodos de estudos dialetais foram os de análises: *Monodimensional* e *Bidimensional*. No âmbito monodimensional é utilizado, somente um método de análise, concentrando-se em analisar variedades de cunho diatópico (lugar), já a bidimensional, parte de dois métodos comparatistas, a arealidade e o aspecto social, em especial, sexo e idade.

Como postula Silva (2018, p. 49):

Ambos os métodos citados anteriormente têm por essência, investigações de âmbito diatópico, onde o informante ideal é morador de zona rural, com pouca mobilidade. Dessa forma, os atlas que recebem essa terminologia, porque o único viés adotado é o da variedade linguística espacial, não sendo os fatores sociais trabalhados de forma sistemática.

Com o advento da tecnologia e a globalização, os indivíduos passam a terem acesso aos meios de informações, como: TV, telefones, meios de locomoção, mais a frente, a redes sociais, que passam a ser mais acessíveis para grupos subalternizados, conseqüentemente, tais fatores influenciam sistematicamente na identidade linguística, tornando os falares mais heterogêneos. Além desses fatores, podemos pontuar o êxodo rural para o urbano, momento, no qual à população que antes moravam em chácaras, fazendas, assentamentos, passaram a migrar para cidades, assim se firmando nos grandes centros urbanos. Nesse raciocínio, podemos entender por migração “toda a pessoa a pessoa que migra e se transfere de seu lugar habitual, do seu domicílio comum para outro lugar, região ou país. Refere-se às migrações em geral, tanto de entrada quanto de saída de um país, região ou lugar” (FONSECA *et al.*, 2015, p. 235). .

Com base nisso, a Dialetoлогия que antes se restringia aos estudos voltados à variação diatópica, inicia um significativo avanço no âmbito de seu método de análise, como pontua Sanches (2015, p. 29), “Atualmente, novos paradigmas linguísticos estão emergindo, na tentativa de explicar os fenômenos linguísticos de forma coerente e sem deixar lacunas”. Nesse aspecto, visa engendrar outras configurações sociais no que tange os fenômenos linguísticos, isto é, variações que perpassam por diferentes extratos sociais, bem como, diferença entre falar masculino e feminino, distinção entre faixa etária, entre outras.

Para tanto, com passar dos anos surge a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional¹. Tal conceito foi introduzido por Thun (1998), em que abarca os ensinamentos da Sociolinguística Variacionista (Laboviana), objetivando tornar a *Dialetoлогия* uma ciência mais ampla, com intuito de aprofundar e explicar os fenômenos linguísticos que atravessam a língua, incluindo assim *variações* linguísticas de outras naturezas, como: *variação* diastrática (diferentes extratos sociais), diafásica (diferentes estilos), diasssexual (diferença entre falar masculino e feminino), variação diageracional (distinção entre faixa etária), entre outras.

Nesse contexto, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional visa relacionar os estudos da dialetoлогия a outros níveis de variação linguística (como já mencionado), entendendo a língua como uma prática cultural, aliando os estudos da língua aos aspectos culturais e sociais.

Variação Lexical

Ao estudar o léxico de uma língua, as palavras, é possível compreender características de falantes de um determinado espaço geográfico. Conforme Birdeman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Assim, o léxico reflete o arcabouço histórico, social, político e a cultura, ou seja, a maneira de vida de falantes de uma língua, nesse raciocínio, é “um mecanismo de identidade de grupo” (BARBOSA; ISQUERDO, 2017, p. 1383).

Para Razky (2013, p. 248), o léxico tem sido estudado sob diferentes perspectivas:

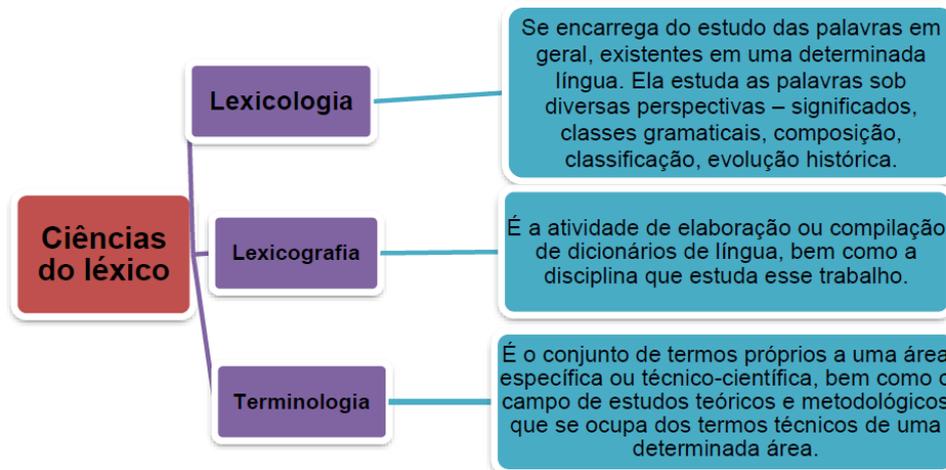
Há, de um lado, pesquisas que se voltam para o estudo da história do léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outro, existem aquelas

¹ “O termo relacional, aludido nesse modelo teórico, refere-se às várias possibilidades de comparação em todas as dimensões da língua”. (SILVA, 2018, p. 52).

que, por meio de pesquisa de campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou que fazem, ainda, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e os documentos escritos em épocas anteriores, com base, por exemplo, nas correspondências trocadas entre familiares, amigos etc.

Na atualidade, o estudo desta ciência abrange várias áreas, a saber: a Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, entre outras. Vale destacar que a Lexicologia e a Lexicografia são mais tradicionais, no que tange as ciências do léxico. A título de definição, a Lexicologia é encarregada em analisar as palavras, sua categorização lexical e a estruturação do léxico, já a Lexicografia, é a ciência dos dicionários. Como define Birdeman 2001 (p. 17), “o dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário de uma língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura”. Para melhor compreensão sobre as ciências do léxico, apresentamos um mapa explicativo sobre as características gerais destas ciências:

Figura 1. Mapa conceitual com as características gerais das ciências do léxico.



Fonte: (NUNES, 2022, p. 90).

Nessa evolução dos estudos lexicais, a Dialetoлогия, também manifesta interesse em registrar o patrimônio lexical de uma dada comunidade linguística, objetivando registrar variações lexicais de diferentes localidades. O interesse por essa abordagem teórica, no Brasil, é motivada desde meados do séc. XX, a título de curiosidade pode-se mencionar o trabalho de Amaral (1920), “*O Dialeto Caipira*”, tal obra representa, inicialmente o interesse pelo estudo científico do léxico brasileiro.

Diante disso, os estudos lexicais influenciaram significativamente os dialetólogos brasileiros, por exemplo, com elaboração de atlas linguísticos para expressar diferentes falares do país. O primeiro trabalho a ser difundido no Brasil foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – (APFB)* (ROSSI, 1963). Mais adiante, outros trabalhos da mesma natureza foram elaborados, seguindo o mesmo raciocínio do atlas mencionado. Conforme o exposto vale citar Razky, Costa, Oliveira (2011, p. 36), “[...] Dialetoлогия e a Geografia Linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas de várias regiões no mundo”. Dessa forma, o interesse da Dialetoлогия em compilar o léxico de língua se dá, especialmente pela motivação de registrar as transformações linguísticas que ocorrem na sociedade, isto é, o patrimônio linguístico de um povo, por transitar entre os diferentes usos da língua, demarcados por regiões diferentes, pela sincronia e diacronia da língua.

Com base nisso, o léxico é compreendido como “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc”. (DUBOIS, *et al.*, 2006, p. 364).

Dessa maneira, entendemos que a partir do estudo do *léxico* é possível conhecer as singularidades pertencentes a uma determinada comunidade linguística, como aspectos culturais, econômicos, socio-históricos, identitários, etc.

Por isso, a língua não deve ser compreendida e investigada de forma isolada, é preciso levar em consideração os aspectos culturais que permeiam a língua, é em virtude das transformações da língua que é possível “falar hoje de mobilidade lexical, fluxo lexical e contínuo lexical” (RAZKY, 2013, p. 247).

Diante disso, o léxico é um conjunto de palavras que revela traços de uma dada língua, como assinala Birdeman (1992, p. 339) “é o tesouro vocabular de uma língua”, sendo assim, registrando e acompanhando aspectos sócio-históricos, sociopolíticos e geopolíticos, demonstrando a heterogeneidade e o caráter mutável da língua. Com isso, compreendermos que a língua, enquanto instrumento social está interligada como corpo integrante da sociedade, acompanhado suas modificações, tornando indissociável estudar a língua sem um entrelaçamento aos fenômenos sociais que a permeiam.

Atlas linguístico geossociolinguístico do Amapá (ALAP)

Antes de adentrar acerca dos aspectos abordados no ALAP, considera-se importante mencionar algumas características geográficas no que tange o estado Amapá, para tanto é importante ressaltar que o respectivo Estado é distribuído em 16 municípios, são: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Vitória do Jari, Pedra Branca do Amapará, Serra do Navio, Porto Grande, Ferreira Gomes, Cutias, Tartarugalzinho, Amapá, Pracuúba, Itauba, Calçoene e Oiapoque, com uma estimativa, em número de habitantes de 669.526, de acordo com os dados do IBGE (2010). Para melhor ilustrarmos os municípios que compõem o respectivo Estado, segue a ilustração a seguir:

Figura 2. Mapa do estado do Amapá.



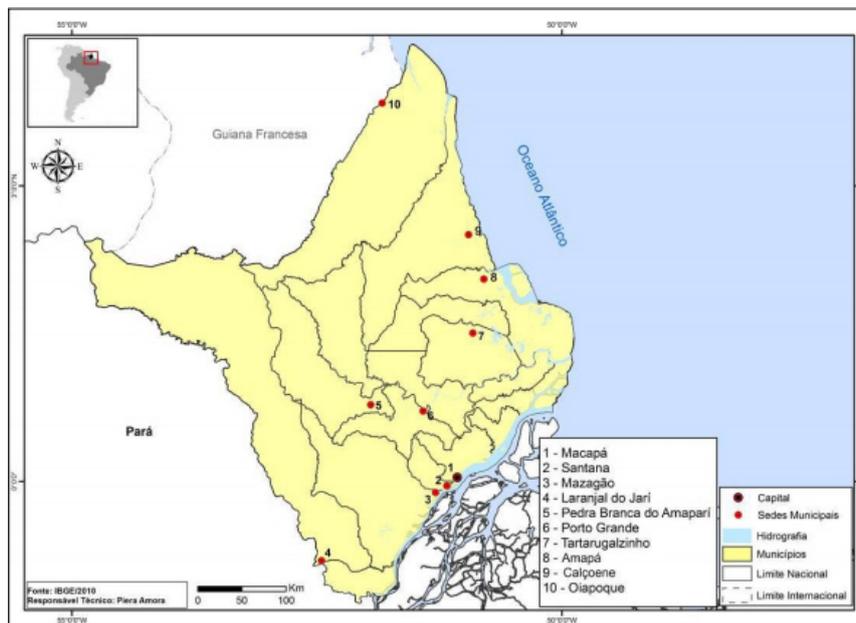
Fonte: Disponível em: <https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=80P%2b%2fujY&id=45E1E7D88AEEECF21071317F1DF9651D277FB24E&thid=OIP>. Acesso em: 29 ago. 2022.

O *Atlas Linguístico do Amapá* – (ALAP), foi elaborado por alunos e professores do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá e por outras instituições e foi coordenado pelos professores Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará (UFPA), e Celeste Ribeiro, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Os pontos de inquéritos foram distribuídos em 10 municípios, como postula Sanches (2015, p. 46): “(01) Macapá, (02) Santana, (3) Mazagão, (04) Laranjal do Jari, (05) Pedra Branca do Amapará, (06) Porto Branco, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque”, conforme

distribuição a seguir:

Figura 3. Rede de Pontos de Inquérito (ALAP).



Fonte: SANCHES (2015, p. 47).

Os locais de coletas de dados foram direcionados por alguns aspectos, como aponta Sanches (2015, p. 46), a saber: fatores históricos, como tempo e origem de dada localidade e geoeconômicos, levando em consideração os aspectos econômicos e socioculturais, para tanto, como supracitado, dentre os 16 municípios, foram escolhidos dez municípios para pontos de inquérito, por atenderem as demandas da pesquisa.. Como justifica Sanches (2015), tal delimitação ocorreu pela dificuldade de encontrar informantes com o perfil exigido.

O número de informantes foi ao todo, *quarenta*. Para coleta de dados da pesquisa, buscou-se traçar os seguintes critérios: ser residente na localidade adstrita. Em cada ponto de inquérito foram entrevistados quatro informantes, com o seguinte perfil: um homem e uma mulher, de 18 a 30 anos; e um homem e uma mulher de faixa etária de 50 a 75 anos, dessa forma os informantes foram divididos em dois grupos: sexo (masculino e feminino) e etário (de primeira faixa etária e segunda faixa etária). Além desses critérios mencionados, foram considerados outros fatores, tais como: ser natural do município; ser filho de pais nascidos na região; não ter morado em outro Estado ou região por mais de seis meses; ter nível escolar variado entre analfabeto ou ensino fundamental completo; possuir condições favoráveis de saúde e de fonação e ter disponibilidade para entrevista.

Vale ressaltar que para o questionário semântico-lexical aplicado no ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) serviu de base para o Atlas Geossociolinguístico do Amapá – (ALAP), dito isto, foram 15 itens lexicais referentes a seis campos semânticos. As análises de dados foram distribuídas em três tipos: espacial (geográfica), social (idade e sexo) e comparativa, fazendo uma comparação entre os dados lexicais do ALAP e ALiB. A título de curiosidade podemos observar distribuição semântico-lexical das cartas na tabela abaixo:

Figura 4. Itens Semântico-Lexicais.

Tabela 01 – Itens Lexicais

Nº	QUESTÃO	CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL
01	001	Acidentes geográficos	<i>córrego/riacho</i>
02	020	Fenômenos atmosféricos	<i>orvalho/sereno</i>
03	021	Fenômenos atmosféricos	<i>nevoeiro/cerração/neblina</i>
04	044	Atividades agropastoris	<i>ponta roxa da bananeira</i>
05	067	Fauna	<i>galinha-d'angola</i>
06	071	Fauna	<i>gambá</i>
07	085	Fauna	<i>libélula</i>
08	088	Fauna	<i>pernilongo</i>
09	137	Convívio e comportamento social	<i>pessoa pouco inteligente</i>
10	142	Convívio e comportamento social	<i>prostituta</i>
11	143	Convívio e comportamento social	<i>xará</i>
12	145	Convívio e comportamento social	<i>cigarro de Palha</i>
13	155	Jogos e diversões infantis	<i>cambalhota</i>
14	158	Jogos e diversões infantis	<i>papagaio de papel</i>
15	191	Vestuário e acessório	<i>ruge</i>

Fonte: Elaborada pelo autor.

Fonte: SANCHES (2015, 51).

Ainda, de acordo com Sanches (2015, p. 51), a delimitação do *corpus* da pesquisa se deu pela variabilidade lexical dos itens escolhidos, detectadas durante a pesquisa de campo na resposta dos informantes. Ademais, pela importância das variáveis sociais, no quesito idade e sexo presentes nos dados lexicais. Por último, pela possibilidade de comparação entre os dados ALAP com os dados recentes do Atlas Linguístico do Brasil.

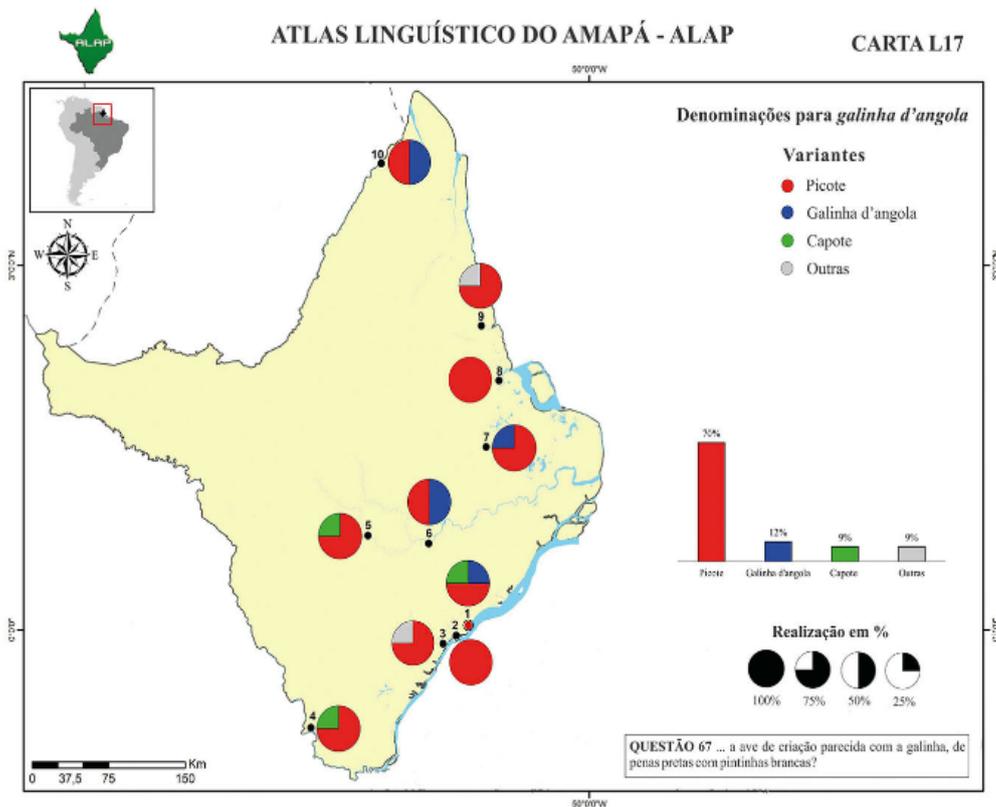
Com isso, vale ressaltar a importância do uso de atlas linguísticos, pois permitem conhecer a realidade, as manifestações linguísticas de uma determinada comunidade. Logo, considera-se que, “[...] o atlas proporciona uma visão dinâmica de cada fato descrito, pela comparação simultânea com outros nele expostos, ensejando conclusões também de natureza histórica” (BRANDÃO, 1993, p.11).

Para tanto, é com base no respectivo atlas, que avaliamos o campo semântico *fauna*, mais precisamente o item lexical *galinha-d'angola*, Tendo em vista realizar uma análise *diatópica* acerca da distribuição geográfica do item em questão.

Análise da carta I17: denominações para galinha-d'angola

Como proposto, esta seção apresenta análises sobre a distribuição diatópica no contexto da pesquisa. A questão 67 apresenta quatro registros documentados de denominações para *galinha-d'angola*, sendo: *picote*, *galinha-d'angola*, *capote* e outras. Assim, analisamos nessa parte do trabalho o item lexical “*galinha d' angola*” (carta L17), presente no ALAP (2017), com intuito de investigar variações diatópicas e lexicais que permeiam os pontos de inquéritos do Atlas Linguístico do Amapá. Abaixo, segue a figura da mencionada carta:

Figura 7. Mapa da área de estudo.



Fonte: Atlas linguístico do Amapá – (ALAP), 2015.

Como podemos observar, a variante com mais preponderância no Amapá é *picote*, com percentual de 70%, onde esta se encontra presente em todo território investigado. Aguilera (2009, p. 4225) identifica que, a ave da família da galinha que tem penas brancas com pintinhas pretas, a respeito do designativo *picote* é a mais recorrente em todas as capitais da região Norte, exceto em Rio Branco. Também é possível acrescentar o estado do Tocantins, onde não é encontrado registros para a variante *picote*, conforme os dados do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO) (SILVA, 2018).

De acordo com o dicionário Houaiss, Villar (2009) a descrição para *lexia picote* é: ponto de rendaria, representado por pequena argola de linha e usado em rendas finas. Certo pano grosseiro de lã.

A segunda variante mais recorrente é *galinha-d'angola* (12%), ocorrendo mais na região central e norte do Estado, encontradas nos pontos 1 (Macapá), 6 (Porto Grande), 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque). Como conceitua Houaiss (2009) é uma galinha originária de países africanos e inseridos em países de clima quente. De acordo com Silva (2018, p. 149), com base nos dados do ALiB, essa variante estar presente em todo território brasileiro, em especial as regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste, tornando o termo com um denominativo padrão.

Capote, o terceiro item (9%), correspondente a variante menos recorrente dentre os pontos de inquéritos. Distribuída na capital (Macapá) e nos municípios Laranjal do Jarí e Pedra Branca do Amaparí, parte centro sul. De acordo com a dicionarização do Houaiss (2009) é descrita como capa larga e longa, com ou sem capuz. Casacão longo usado por soldado da infantaria. Em sentido figurado, é conceituado por disfarce, subterfúgio. Podemos inferir que, tais definições estão atreladas ao campo vestuário, porém, Aguilera (2010a apud SILVA, 2018, p. 147) reitera que é um denominativo metafórico, pois *capote* é associado ao corpo da ave, semelhante a uma capa.

Considerações Finais

Perante as análises realizadas, o presente trabalho teve por objetivo investigar a variação semântico-lexical para campo fauna no estado do Amapá, direcionado para designações da ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas e pintinhas brancas (*galinha-d'angola*). Isto é, analisamos as lexias que remetem a variação em questão, como: *picote*, *galinha-d'angola* e *capote*.

Portanto, podemos mencionar a variação mais recorrente, *picote*, tal denominativo é um falar característico a região Norte do país, com assevera Aguilera (2009, p. 4226) a região Norte mantém como prioritária à variante *picote*, que não ocorre em nenhuma outra região, podendo ser considerada uma forma dialetal por excelência do falar amazônico, com exceção Rio Branco e Tocantins, como já mencionado anteriormente.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Léxico e áreas dialetais**: o que podem demonstrar os dados do ALiB. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20Vanderici%20dAcesso. Acesso em: 3 fev. 2021.

AULETE, Caudas. **Dicionário contemporâneo da língua Portuguesa**. Lisboa: Feito pelo plano de F. J. Caldas Aulete, 1925.

BARBOSA, T; ISQUERDO, A. Um estudo no campo léxico da fauna nas regiões norte e sul do Brasil: o caso do pernilongo. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 23, p. 1382, jan./abr. 2017.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do Léxico**. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri Isquerdo. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

CARVALHO, Paola M. Oliveira. **Relações entre léxico e ambiente**: um estudo da norma lexical do centro-oeste do Brasil. 2015. 224f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Área de concentração Linguística e Semiótica, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015.

ISQUERDO, A. N. Designações para estilingue em atlas lingüísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio-histórica. In.: TROTTER, David (Ed.) **actes... XXIV CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES**. Tome I. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 533-546.

AMAPÁ, **Estado do Amapá**. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/ptbr/arquivos/programa_calha_norte/pcn-estado-do-amapa.pdf. Acesso em: 3 Fev. 2021.

FONSECA, Wéverson Lima *et al.* Causas e consequências do êxodo rural no nordeste brasileiro. **Nucleus**, v. 12, n. 1, p. 233-240, maio. 2015. DOI: 10.3738/1982.2278.1422. Acesso em: 22 nov. 2022.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss eletrônico**. Objetiva, 2009.

RAZKY, A. A dimensão sociodialetal do léxico no projeto atlas lingüístico do Brasil. **Signum: Estudos da linguagem**, n. 16, 2013. Disponível em: 15659-72862-1-pb.pdf (ufba.br). 28 ago. 2022.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. O projeto atlas lingüístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, v.61, n.2, 2017. Disponível em: www.scielo.br/pdf/alfa/v61n2/0002-5216-alfa-61-02-0303.pdf. Acesso em: 02 Fev. 2021.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Lingüístico do Amapá** – São Paulo, 2017.

RAZKY, Abdelhak. A dimensão sociodialetal do léxico no projeto atlas lingüístico do Brasil. **SIGNUM:**

Estud. Linguagem, Londrina, n. 16, 2013. DOI: 10.5433/2237-4876.2013v16n2p247.

ROMANO, Valter Pereira. Macaxeira e mandioca na região norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do projeto ALiB. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v.06, n.3 p. 78, set. 2020.

PINHEIRO BARROS, Carolina. **O falar do “caboco” paraense**: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (baixo-amazonas-PA). 2017. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017.

SÁ, Edmilson José. Variantes lexicais para jão-de-barro em atlas linguísticos do estado de Pernambuco. **Afluentes**: revista de letras e linguística, UFMA/CCEL, v. 5, n. 16, 2020.

SANCHES, Romário Duarte. **Varição lexical nos dados do projeto atlas geossociolinguístico do Amapá**. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. Belém, PA, 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura e Léxico, 64-84. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; Lopes, Norma da Silva; Ramos, Jânia Martins. **Linguagem, Sociedade e Discurso**. São Paulo, Blucher, 2015.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)**. 2018. 394f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.

GOVERNO AMAPÁ, **Portal do Governo do Amapá**. Disponível em: Portal Governo do Amapá - Conheça o Amapá. Acesso em: 15 fev. 2021.

YIDA, Vanessa. Canjica ou curau com coco: descrevendo a norma lexical do português brasileiro a partir dos dados do ALiB. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v.06, n.3 p. 104, set. 2020.

Recebido em 30 de agosto de 2022.
Aceito em 11 de outubro de 2022.